

**Revista de**  
**EDUCAÇÃO**

**Volume 1**

**Fasc. I**

**MAIO**

**1921**

5-10-21  
SÓLON BORGES DOS REIS  
2 C 4.47

4

# REVISTA DE EDUCAÇÃO

Vol. I — Fase. I

## SUMMARIO :

DR. HONORATO FAUSTINO	Assistencia dentaria escolar . . .	3
LOURENÇO FILHO . . . . .	A crise da escola . . . . .	8
CARLOS SODÉRO . . . . .	Hygiene popular . . . . .	16
ANTONIO VEIGA . . . . .	Um novo trabalho manual . .	19
DARIO BRASIL . . . . .	O civismo pela historia . . . .	23
J. SILVEIRA SANTOS . . . . .	Pela cultura do vernaculo . . .	27
PEDRO CREM . . . . .	O ensino activo . . . . .	33
PEDRO DE MELLO . . . . .	Literatura infantil . . . . .	36
ASSIS VELLOSO . . . . .	Derivadas e differenciaes . . .	40
THALES ANDRADE . . . . .	Do ensino de historia . . . . .	46
ADOLPHO CARVALHO . . . . .	Soluções e resultados . . . . .	49
ELVIRA DE MORAES . . . . .	O desenho e a educação visual	53

MAIO, 1921

## A EDUCAÇÃO VISUAL E O DESENHO

1.ª Conferencia da serie instituida entre os professorandos de 1921, pela Cadeira de Psychologia e Pedagogia.

Na vida do homem, a visão representa um papel importantissimo. E' o sentido mais intelligente; é um poderoso auxiliar na formação da idéa, porque nos dá a melhor percepção das cousas. Basta lembrar que, nos individuos normaes, todas as idéas, sem excepção, possuem um nucleo visual. E se isso é assim nos adultos, com muito mais razão o é nas creanças, sêres em formação psychologica. Já Rousseau dizia: "Aquillo que, para nós, é arte de raciocinar, para a creança, é a arte de vêr".

Os organs visuaes são em nós muito desenvolvidos, muito protegidos, muito irrigados de sangue o que mostra o proprio empenho da natureza em nol-os dar perfectos. Na visão não ha somente um sentido, como muitos julgam; a quem a estude é coisa clara, patente, que nella se reuñem dois sentidos; um, que nós dá as sensações das côres e as variações da intensidade de luz — a retina —; e outro, o sentido motor da visão, que nos dá as sensações das distancias, formas, movimentos e relevos.

A vista, sendo assim tão preciosa, é de absoluta necessidade que a escola a eduque, desenvolva, proteja, porque, desenvolvê-a e protegê-la é desenvolver e proteger o espirito da creança, e portanto, a sua propria vida.

Que seria da creança que nada pudesse vêr e observar para conhecer? que seria dos mortaes sem a vista? Não teriam conhecimento do mundo exterior, das bellezas e dos encantos em que a natureza é tão prodiga. Si conversarmos com um cêgo, vemos quanta magua, quanta tristeza lhe vae na alma, por não poder contemplar as coisas da visão.

A vista é um magnifico aparelho de defesa, é fonte de emoções estheticas, é fonte de conhecimentos inestimaveis. Como organ de defesa, ella nos protege contra os perigos, no tempo e no espaço; assim um caminhão que corre para nós, uma arvore que vae cahir, uma tempestade que nos ameaça, um redemoinho que se forma, de tudo isso podemos ter os prenuncios pela visão. E não só nos defende; dá-nos as mais agradaveis emoções. E' mesmo o organ das emoções estheticas, por excellencia. Todas as bellas artes, com excepção da musica, se dirigem á vista. Ella é que nos faz gosar das bellas e pittorescas paizagens, dos quadros celebres, dos primores da esculptura e da architectura. E' ainda uma extraordinaria fonte de conhecimentos. Por ella aprendemos a lêr, e com a leitura o nosso espirito se põe deante dos mais largos horizontes da cultura. Devassamos o passado e o presente, não nos detemos deante dos mares e dos desertos. A leitura nos dá a conhecer desde as grandes obras primas da antiguidade, como seja a Illiada e o Odyssea, de Homero, até as sciencias modernas. E' verdade tambem que podiamos ter esses conhecimentos pela audição, mas muito mais difficilmente, só com o auxilio extranho.

Essas idéas são exactamente as do poeta quando diz:

«Cégos! nunca saibaes verdade tão dorida  
Para a cegueira; o olhar valê mais do que a vida!

Olhar, fonte de vida e fonte de emoção,  
A alma vive de ti, como um corpo de pão.

Ao contacto de um lyrio, ao contacto de um verme  
E' a suggestão do olhar que domina a epiderme».

Assim, si ha necessidade de fazer com que as creanças exercitem os seus sentidos, sem o que não conseguiremos educar realmente, o que primeiro salta aos olhos é a necessidade da educação da vista. Nella está a chave do nosso desenvolvimento intellectual.

Ouçamos o que já dizia Pestalozzi; "Approximae a creança do objecto que lhe desperta a attenção e que mais a attrahe, fazei-a revêr aquillo que mais lhe agrada vêr; procurae entre tudo quanto estiver ao vosso alcance no jardim, no prado, em casa, no campo e na matta, os objectos que pela sua côr, forma e brilho, possam educar a vista da creança".

*Educar é desenvolver pelo exercicio, seguindo as leis naturaes.* Educamos, primeiramente, não prejudicando aquillo que a natureza nos dá perfeito. Na impossibilidade de desenvolver, ao menos não estraguemos aquillo que está perfeito; e si possível,

procuremos corrigir e melhorar o que nos vem estragado. O ambiente escolar deve, portanto, ser o melhor possível quanto á hygiene.

Luz deve haver em quantidade sufficiente, não demais, porque offusca a vista, e nem tão pouco que a creança não possa vêr bem. Precisa ter uma direcção conveniente. Assim, não deve projectar-se por traz, porque é insufficiente, nem pelo lado direito, porque o braço faz sombra no papel, mas sim pelo lado esquerdo. Ainda mais, esta luz deve ser natural, razão por que os cursos nocturnos não são muito recommendaveis.

Nunca nos esqueçamos que cada um de nós vê a seu modo, e os que vêem mal o ignoram; e é por isso mesmo que não devemos distribuir os alumnos em classe pela ordem alfabética ou pelo tamanho, deixando a cada um a escolha do lugar, mas sim, de accôrdo com o resultado proveniente de um exame escurpulozo da grande acuidade visual. Não conseguiremos isso sem algum trabalho, mas esse pequenino esforço quantos desastres póde prevenir? E elle se completa com mais um pequenino cuidado; é o de avisar as familias cujos filhos tenham anomalias graves, pois, si é isso um dever de caridade para com todos, muito mais o é para com as creanças, que não sabem o que lhes pôde advir desses defeitos.

Para não prejudicarmos absolutamente a vista, pois é a escola accusada de causadora das muitas molestias visuaes, tanto que dizem ser a myopia uma molestia typica dos escolares, devemos attender não só á adaptação rigorosa do mobiliario, de modo que as creanças tenham uma posição optima para escrever, como tambem a que os cadernos fiquem numa posição e distancia convenientes. Os livros e todo o material didactico devem merecer a nossa attenção.

Certamente aqui não nos cabe referir com minucias a cada cuidado particular. Mas, depois de os termos passado em revista mesmo superficialmente, para proteger a visão, vejamos agora como desenvolve-la.

Desenvolvemol-a pelo exercicio, porque ha uma lei biologica geral que diz: "A função faz o organ". Esse exercicio deve ser, porém, harmonico, systematico, gradual, isto é, de accôrdo com as leis naturaes.

Precisamos saber, desde logo, quaes são os exercicios capazes de desenvolver a visão. Ruskin, psychologo inglez disse: "Ha centenas de pessoas que sabem falar, para uma que sabe pensar; mas, ha milhares de pessoas que sabem pensar, para uma que sabe vêr. Vêr com nitidez é ao mesmo tempo poesia, prophacia e religião; o homem inferior não vê em tudo que o cerca sinão a torrente impetuosa e irresistivel das cousas."

Ultimamente, faz-se grande propaganda da educação dos sentidos e principalmente do da visão. Destacam-se nesse trabalho Pestalozzi, que muito se bateu pelo ensino intuitivo, isto é, feito com cousas, objectivamente, e Froebel, que creou o primeiro jardim de infancia. Este affirmava que, antes de se ensinar intuitivamente, devem-se educar os sentidos da creança e principalmente o da visão. Só na tenra idade é dado corrigir os defeitos, logo, é nessa idade que devemos educar os sentidos da creança.

Ha muitos meios para o desenvolvimento do sentido da visão. O meio ideal—ideal porque interessa a creança, porque permite exercicios dos mais variados, porque educa a vista e a mão, porque povôa a imaginação de mil novas construcções mentaes—é, porém, o desenho. São variados os exercicios geraes para a educação da vista. Entre elles os dons de Froebel, que são caixas contendo figuras geometricas de cores diversas. Tornos e figuras muito servem para essa educação. Em geral as creanças gostam das cousas fortemente coloridas, e nisso vemos o esforço da propria natureza para a educação da retina com os exercicios de cores. O sentido motor da visão educa-se com exercicios sobre distancias, formas, movimentos e relevos. O exercicio sobre fórmias é tão importante que, si não fosse elle, não poderiamos ler, porque é pela fórmula que distinguimos as letras. A calligraphia é um excellent exercicio para isso. A fórmula e distancia, relacionadas, são ensinadas pelos contornos dos desenhos. O relevo, pela sombra. O desenho só não educa o sentido motor da visão na parte relativa aos movimentos, o que se consegue pelos jogos gymnasticos e trabalhos manuaes.

Desde os mais remotos tempos o desenho tem sido tomado como um poderoso meio de transmissão de idéas e sentimentos. Muito antes dos Egypcios crearem a escripta, as idéas eram representadas pelo desenho, que é como uma linguagem universal, podendo ser comprehendida, tanto pelos mais rudes como pelos mais elevados espiritos. Vemos, portanto, que o ensino do desenho se impõe nas escolas e muito principalmente nas escolas primarias, não como uma arte, pois para isso é necessario ter uma vocação espontanea, um dom natural, que nem a todos nos é concedido, mas sim como um meio educativo, como um poderoso auxiliar da educação. A importancia do desenho é por demais sabida, para que eu vol-a venha contar. Apenas quero repetir-vos o que disse o nosso grande Ruy Barbosa. Ouvi pois: "O desenho é um dote accessível a todos os homens, e não é privilegio dos artistas por vocação e profissão; que na ordem pedagogica, bem como na ordem historica, o desenho precede a escripta, que o ensino deve principiar desde os primeiros passos da

creança na cultura do espirito, quer dizer, desde a entrada nos Jardins de Infancia, pois, longe de sobrecarregar os programmaes elle os amenisa, longe de retardal-os só lhes faz ganhar tempo, longe de difficultar os outros estudos facilita-os e auxilia-os enormemente, que é um elemento essencial ao cultivo das facultades de observação, invenção, assimilação e retenção mental, que a sua generalisação como disciplina indispensavel da Escola popular, é uma das forças mais poderosas para a fecundidade do trabalho. Destas propriedades inestimaveis que o caracterisam provém a sua accelerada propagação por toda a face do mundo civilisado, como parte natural, commum do plano escolar."

O ensino do desenho é obrigatorio nas nossas escolas, desde muito, porque nos compenetrámos da grande verdade affirmada por Spencer: "Os esforços espontaneamente feitos pelas creanças para representarem as pessoas, casas, animaes que as rodeiam, numa pedra, si não o podem fazer melhor, ou com o lapis no papel, si lh'o dão, é um facto conhecido de todos. Ver estas copias é um dos seus grandes prazeres; e, como sempre, a sua tendencia accentuada pela imitação inspira-lhes o desejo de fazerem tambem figuras. Estes esforços para reproduzirem objectos que lhes férem a vista, são tambem um exercicio instinctivo das percepções, um meio de tornar a observação mais exacta e mais completa. O conhecimento do desenho é de enorme utilidade na vida intensa do industrialismo e como que uma nova arte de escrever entre as mãos do moderno operario e do sabio que prescruta os segredos da natureza. O desenho é utilisavel em todas as disciplinas, é um estimulante da intelligencia e do gosto. O desenho educa a vista, habitua-nos a ver, a observar as cousas sob pontos de vista de mais minucias e de mais exactidão. Um dos melhores meios de fazer com que a creança fixe attentamente um objecto é fazer desenhar de memoria o que viu, o objecto que a interessou. A educação da memoria habitua a creança a apurar e a precisar as imagens, e car-lhes intensidade e vida, enche-las de realidade. O desenho desenvolve, portanto, a vista e a memoria. Mas não é só. Ainda melhora a attenção, a vontade e o raciocínio. Assim, quando a creança visa reproduzir um modelo que a interessa, desenvolve um esforço de attenção e de vontade tanto mais vivo quanto maior fôr o desejo de o reproduzir. Para ver um objecto é preciso analysal-o, nesta maneira de olhar, diz Lacombe, ha raciocinio, e o que fazemos neste raciocinio é saber o nome das partes ou aprender a denominal-as, ao mesmo tempo que se vêem; desenhar deste modo é uma boa occasião para aprender a lingua. Alexandre Bain diz: "O exercicio que mais educa a vista é o desenho."

O desenho é a representação fiel, exacta, das cousas, pelo meio de traços. Para que a creança desenhe é preciso vêr, e vêr bem para traçar, representando o que vê. Aprende-se a desenhar, desenhando, isto é, pelo exercicio continuo.

Não devemos esquecer os cuidados de preparação para esse exercicio, porque si o alumno não *observar*, para depois produzir, não poderá fazel-o exactamente, porque em primeiro lugar está a observação.

O mestre deve olhar attentamente a posição do alumno, quer esteja elle de pé, quer sentado; deverá sempre ter uma posição correcta e elegante. *Nesse trabalho exige-se sempre a actividade do alumno.* Elle proprio fará o seu desenho. As correções deverão ser traçadas pelo professor, á margem, ou numa folha de papel á parte. Aprende-se a fazer, fazendo, logo, *é o alumno que deve fazer e corrigir o seu trabalho.* Os modelos devem sempre ser tirados do natural; nunca copiar gravuras, ainda que sejam bonitas e faceis, pois a natureza é a verdadeira mestra da arte do desenho. Dizer arte não é dizer que a escola vise formar artistas, porque para isso é necessario que ella tenha cursos especiaes e os alumnos qualidades, muitas vezes, hereditarias. A escola visa educar a vista e adextrar as mãos para a completa educação do individuo. Isto se confirma até nas cousas mais comestivas. Assim, o desenho vos fará uma habil e intelligente dona de casa, já para desenhar sobre o papel o molde de um vestidinho que deveis fazer, já para repicar o papel das vossas prateleiras, já para adaptar o risco de uma para outra cousa...

E' claro que nas primeiras vezes a creança desenha mal. Não devemos exigir muito nas primeiras lições, porque, si a atenção se cança, a creança acaba aborrecendo-se daquillo.

Como todos os exercicios, o desenho passa por duas phases: a primeira, de educação manual, pela qual a creança desenvolve a memoria visual, e a dos movimentos, ou cinetica; e a segunda de aperfeiçoamento, na qual revela o gosto artistico.

Relativamente á primeira phase, encontramos nos programmes e horarios os desenhos de imaginação, espontaneos, em que o educando se esforça por dominar e coordenar os movimentos da mão. Está claro que esses exercicios devem estar sempre de accordo com a capacidade mental do alumno, e por isso mesmo a marcha do ensino deve ser mais ou menos a seguinte: no 1.º anno, copia do natural de objectos simples e conhecidos dos alumnos (de preferencia de superficies curvas) exigindo-se apenas o contorno; no 2.º anno, objectos mais complicados e mesmo grupos de objectos, tendo assim noção de formas e distancias. Por

esse tempo, a educação manual mais adeantada, bem como a observação, permitem agora, no 3.º anno então, que ensinemos a distinguir a illuminação, entendendo porque é que se faz a *sombra*. E neste anno, conforme o adeantamento da classe, augmentamos tambem a difficuldade dos modelos, procurando sempre objectos que interessem as crianças. Tendo aprendido a analisar e a copiar, no 4.º anno, o alumno aperfeiçoa a sua technica, e, si possível, aprende até o colorido.

Si o terceiro foi uma classe adeantada, daremos neste anno desenhos de memoria que os alumnos já tenham feito nos annos anteriores, e desse modo elles iniciam a synthese. Concluindo a synthese, daremos desenhos de imaginação ou dictado, não como no primeiro anno para simples educação manual. E' de imaginação quando mandamos que a creança desenhe o que lhe aprouver; é dictado quando mandamos que façam um livro, uma cadeira, isto é, um thema determinado ou fixo. Os dois primeiros annos comprehendem quasi sempre a phase de educação manual, e o quarto a do aperfeiçoamento.

Não será preciso, certamente, collegas, insistir na educação dos principios que aqui ligeiramente expomos. Nunca será demais, porém, notar que a chave primeira de toda educação é a educação dos sentidos, e destes o da visão. Grande parte dos erros de apreciação intellectual, sentimental, e até moral, vem de não sabermos sentir. A raiz dos males que tão a fundo atacam a perfeição da nossa educação, consiste na defficiencia de saber sentir. *Ao professor compete combater o ensino só de palavras que nada vale.* Elle deve preocupar-se pouco ou nada em fazer do cerebro das creanças um bazar, onde todas as cousas estão dispostas umas após outras, sem mais ligação entre si que a memoria auditiva chamada a presidir esse cháos, decorado com o nome pomposo de sciencia. O seu cuidado, antes de tudo, é augmentar a intensidade moral e intellectual do homem. O que queremos não é enriquecer o espirito de conhecimento varicos, mas justificar-os procurando, sem o fatigar, alimentar-o naturalmente, dando-lhe de beber nas proprias fontes da vida. Não nos preocupemos em ornar a intelligencia, mas confirmal-a e desenvolvel-a. Os espiritos não devem regorgitar de superfluidades, tendo falta do necessario.

O que é preciso é formar homens e mulheres que saibam vêr bem, ouvir bem, que tenham educação manual e rudimentos de educação moral e civica. A educação tem sido até hoje muito desvirtuada; é por isso que tanto ainda soffremos.

E' preciso cuidar da educação da sensibilidade, tanto daquella que nos põe em contacto com o mundo exterior — a sensibilidade dos sentidos, como da que põe o individuo em com-

municação comsigo mesmo : a sensibilidade intima, o character.  
Uma grande educadora sueca disse: «O mundo precisa mais de homens bons que de homens sabios.» E' preciso que nós, as mulheres, a quem está sendo entregue a educação por toda a parte, saibamos formar homens bons. Bons no trabalho, bons na acção, e como essa obra não se faz num momento, nem por uma só pessoa, é preciso que todas nós reunamos o melhor das nossas forças e nos dediquemos com ardor em beneficio da melhoria das creanças, homens de amanhã.

Nessa ingente obra, pela qual nos enthusiasmamos sinceramente, estamos certa de que vós, collegas, heis de collaborar com o melhor da vossa intelligencia e do vosso coração.

«Aprender para ensinar, eis a sagrada missão da mulher.»

ELVIRA DE MORAES

(Alumna do 4.º anno do Curso Normal)